

1

Introdução

A questão que orienta a presente pesquisa originou-se de certo momento em que alguns acontecimentos imprevistos nos pediram um especial trabalho psíquico. Nessa época, líamos, mais uma vez, o artigo de Freud, “Sobre a transitoriedade”, de 1916, e novamente nos surpreendíamos com o lirismo do texto e com as idéias ali contidas.

Chamou-nos particular atenção o sintagma *estado melancólico*, usado por Freud para comentar sobre um amigo poeta, com quem passeava nos campos das Dolomitas. Com certa amargura, o poeta, que não era um melancólico, antecipava os acontecimentos na tentativa de controlar a angústia, nele despertada, por alguns sinais de perigo sobre o futuro. A precariedade das coisas, a finitude dos objetos, o apagamento das cores dos campos da Áustria que um dia teriam fim, deixavam-no triste. Intrigado com a amargura do amigo, Freud se põe a trabalhar.

Era incompreensível para ele o fato de o poeta não admitir ser justamente a finitude o que confere maior valor às coisas. É pelo seu caráter finito e transitório que se abre a disponibilidade para as múltiplas possibilidades de sua fruição. Na verdade, o valor da transitoriedade é relativo à disposição, produzida por ela, de infinitas maneiras, através das quais podemos abordar os objetos.

Nesse período, a leitura de outro texto: “O tempo como contingência na experiência analítica” (Santiago, 2004) nos levou a considerar as propostas ali encontradas: o real sem lei como o tempo, a prática clínica como sendo a disponibilidade do analista para o inesperado, e a equivalência entre a contingência e o possível. Mais ainda, o tratamento dado ao real como impossível, pela via da contingência do falo.

Faltava, agora, nosso trabalho psíquico: articular as idéias que nos habitavam. Não pudemos pensá-las até que *Luto e melancolia* (Freud, 1917[1925]/1977) fosse aberto. Por tratar de duas maneiras diferentes com as quais o sujeito responde à perda do objeto, esse artigo nos oferecia material para esclarecer as perguntas que formulávamos.

Nessas condições, a idéia de realizar um projeto para o curso de mestrado revelou-se a nós como uma oportunidade para fazer das questões engendradas por aquelas contingências, uma hipótese. Fomos, então, ao trabalho.

Nesta dissertação, apresentaremos *O trabalho do luto e a experiência analítica: transitoriedade e contingência* como o resultado do caminho percorrido ao longo dos dois anos do curso no mestrado o qual, afinal, se constituiu como parte de nosso trabalho psíquico.

No primeiro capítulo, dada a interrogação que o estado melancólico suscitou, nossa pesquisa se iniciará situando a etiologia da melancolia.

Com esse fim, visitaremos alguns textos primeiros da obra de Freud, em que a investigação sobre a melancolia se interpola com sua primeira teoria sobre a angústia. Freud chegará a estabelecer uma aproximação entre elas sob a perspectiva da excitação sexual somática

A lógica dessa investigação nos levará, naturalmente, ao texto de 1917, “Luto e melancolia”, no qual poderemos situar essas duas respostas da relação do sujeito com o objeto perdido. Como a melancolia, tanto quanto o trabalho do luto, concerne à perda do objeto, a pesquisa dessa noção será de fundamental importância. Cabe ressaltar que não abordaremos a melancolia como estrutura clínica, e sim como certa baliza que refere o sujeito à perda do objeto, ao mesmo tempo em que se distingue radicalmente do trabalho de luto empreendido pelo sujeito. Sob a perspectiva freudiana, como também sob a perspectiva do ensino de Lacan, o sujeito melancólico, por sua identificação com o objeto perdido – apartado, portanto do campo da fantasia –, não estará em condições de fazer o luto do objeto.

Em psicanálise, de que objeto se trata quando falamos da perda e da tarefa do luto? Como esse trabalho se processa? Essas perguntas nos levarão a leitura de alguns textos freudianos além do “Luto e melancolia”. Dentre eles, destacamos os artigos “Sobre o narcisismo” (Freud, 1914/1977); “As pulsões e suas vicissitudes” (Id., 1915/1977) e a “Organização genital infantil” (Id., 1923/1977), por viabilizarem certo recorte das várias maneiras através das quais Freud teoriza sobre a noção de objeto.

No capítulo dois, contaremos com a contribuição de Lacan, especialmente no que concerne ao seu ensino sobre a noção do objeto. Para tanto, será necessário escolher alguns textos e escritos que favoreçam nosso tema.

Os três registros propostos por Lacan para balizar a clínica – real, simbólico e imaginário – serão nosso guia de investigação nesse capítulo. O ponto de partida é o artigo “O estádio do espelho como formador da função do eu” (Lacan, 1949[1938]/1998), texto fundamental por conter a gênese do trabalho de Lacan referente à noção do objeto situado, nesse tempo, no campo do imaginário.

Destacamos o *Seminário, livro 4: a relação de objeto* (Lacan, 1956-1957/1995), o *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (Id., 1957-1958/1999) e o *Seminário, livro 8: a transferência* (Id., 1960-1961/1992) como bússola para situar o objeto no campo do simbólico, no qual Lacan o tematiza como falo e agalma. Ao tematizá-lo dessa maneira, o formulará como um resto que cai da cadeia de linguagem, podendo ser novamente absorvido pelo significante.

Nosso ponto de chegada, nesse capítulo é o *Seminário, livro 10: a angústia* (Id., 1962-1963/2005), no qual a angústia, além de ser tematizada como via de acesso ao real, será também concebida como tendo um objeto.

O objeto, em sua noção de falta, passará por uma importante modificação. Ao trazer à cena o objeto *a*, Lacan o situa como um objeto natural, como um pedaço que se perde. Como pedaço perdido constitui o corpo. Essa perda que, ao final, se desenha como vazio, se manifesta para o sujeito como presença opaca. Para dar um exemplo dessa presença, Lacan falará da opacidade estampada nos olhos de um louva-a-deus. Esse resto, de certa forma misterioso, agora situado por Lacan fora da cadeia significativa, funciona como objeto angustiante e como causa de desejo.

Nesse momento de seu ensino, ao fazer a diferença entre o objeto como agalma e o objeto como palea, Lacan situará o luto e a melancolia em relação a este último. É em torno dessa presença a um só tempo vazia e opaca que o sujeito enlutado se angustia pela perda e sofre. A partir deste ponto é possível trabalhar o luto.

Portanto, do ponto de vista da psicanálise, a perda – seja ela referida a nosso próprio corpo, seja relativa àquilo de que o mundo externo nos priva, ou à perda do amor de um semelhante – nos impõe um trabalho psíquico.

Segundo Freud, é preciso tempo e trabalho para desfazer os vínculos com os traços do objeto amoroso perdido para, depois, substituí-lo. Lacan, por sua vez, sustenta que se deve manter os laços com o objeto *i(a)*, para, por meio desse

trabalho, reenlaçar o objeto *a*. Veremos como esses dois prismas que têm algo de contraditório, são, porém, idênticos.

No que diz respeito à melancolia, poderemos aprender que, tanto para Freud quanto para Lacan, o sujeito melancólico, por sua identificação com o objeto perdido e por isso mesmo afastado do campo da fantasia, não terá condições de fazer o luto do objeto.

No capítulo três, queremos articular o trabalho do luto, a experiência analítica, a transitoriedade e a contingência, termos com os quais fizemos o título de nossa dissertação. Para alcançar nosso propósito, voltaremos ao texto *Sobre a transitoriedade* (Freud, 1916-1915/1977) e visitaremos o *Seminário, livro 20: Mais, ainda* (Lacan, 1972-1973/1985).

Com base nessas articulações poderemos concluir que tanto a experiência analítica – pelo menos parte dela – quanto o trabalho do luto consistem na manutenção dos laços com o objeto no nível do *i(a)*. Isto equivale a quer dizer que tanto um quanto o outro implicam na desmontagem controlada da fantasia, reduzindo sua fixidez. A partir desse ponto, a transitoriedade do objeto, acolhida pela via do falo em sua função de contingente, viabilizará, para o sujeito, um novo fazer com o objeto *a*.